

BLAISE PASCAL

CONVERSA COM SR.
SACY SOBRE EPITETO E
MONTAIGNE

1741

Nesta época o Sr. Pascal também veio [1654] morar em Port-Royal des Champs. Não farei uma pausa para dizer quem era este homem – que não somente a França inteira, mas também toda a Europa admirou. Seu espírito, sempre vivo e ativo, tinha tamanha extensão, tamanha elevação, segurança, penetração e clareza que chegavam além do que poderíamos acreditar... Este homem admirável tocado por Deus submeteu seu espírito muito elevado ao jugo de Jesus Cristo, e seu coração tão nobre e tão grande abraçou com humildade a penitência. Ele veio para Paris entregar-se aos cuidados do Sr. Singlin, tendo decidido fazer tudo o que aquele ordenasse. Sr. Singlin pensou, vendo este grande gênio, que faria bem em mandá-lo para Port-Royal, onde Sr. Arnauld lhe ensinaria as ciências elevadas e onde o Sr. Sacy lhe ensinaria desprezá-las. Ele veio então morar em Port-Royal. Sr. Sacy não pôde deixar de vê-lo, por honestidade, mas sobretudo porque isto tinha sido pedido pelo Sr. Singlin. Mas as luzes santas que ele encontrava nas escrituras e nos Padres lhe fizeram esperar não ser ofuscado por todo o brilho do Sr. Pascal, que encantava e atraía todos. É verdade que ele considerava tudo o que este dizia bastante correto e admitia com prazer a força de seu espírito e de seus discursos. Todas as grandes coisas que o Sr. Pascal lhe dizia, aquele já havia visto antes, em Santo Agostinho. Para ser justo com todos, ele dizia: Sr. Pascal é extremamente digno de estima porque, não tendo lido os Padres da Igreja, conseguiu por ele mesmo, graças à penetração de seu espírito, encontrar as mesmas verdades que aqueles tinham encontrado. Ele as considera surpreendentes por não tê-las visto em nenhum lugar; mas, quanto à nós, estamos acostumados a vê-las por todos os lados, em nossos livros. Considerando que os antigos não tinham menos luzes que os novos, este sábio eclesiástico que se interessava por aqueles estimava muito Sr. Pascal, que concordava em todas as coisas com Santo Agostinho.

“A conduta comum do Sr. Sacy ao tratar com as pessoas era adequar suas conversas àqueles com quem falava. Se visse por exemplo o Sr. Champagne, falaria com ele sobre pintura. Se visse o Sr. Hamon, conversaria com ele sobre a medicina. Se visse o cirurgião do lugar, o questionaria sobre a cirurgia. Os que cultivavam a vinha, as árvores, ou os grãos diziam-lhe tudo o que era preciso seguir. Tudo lhe servia de pretexto para passar tão logo a

Deus e fazer com que os outros a ele também chegassem. Ele viu-se então na obrigação de colocar o Sr. Pascal informado e falar-lhe das leituras de filosofia com as quais mais trabalhava, trazendo este assunto já nas primeiras conversas que tiveram juntos. Sr. Pascal disse que os dois livros que mais lera foram Epiteto e Montaigne, fazendo-lhe grandes elogios à respeito daqueles dois espíritos. Sr. Sacy, que sempre acreditou dever ler pouco estes autores, pediu ao Sr. Pascal que lhe falasse deles mais profundamente.

“Epiteto, disse-lhe, é um dos filósofos do mundo que melhor conheceu os deveres do homem. Ele quer, antes de qualquer coisa, que olhemos Deus como o principal objeto; que estejamos persuadidos de que ele governa tudo com justiça; que nos submetamos a ele de boa vontade e que o sigamos voluntariamente em tudo, como se tudo formasse uma grande sabedoria. Esta disposição cessaria todas as reclamações, todos os murmúrios e prepararia seu espírito para sofrer tranquilamente os acontecimentos os mais deploráveis. Nunca diga, diz ele: Eu perdi isto. Diga antes: Eu o devolvi. Meu filho está morto, eu o devolvi. Minha mulher está morta, eu a devolvi. E o mesmo com relação aos bens e a todo o resto. Mas você me diz que aquele que tira isto de mim é um homem mau. Por que você fica triste com aquele, por meio de quem, aquele que te emprestou isto o pede de volta? Enquanto ele permite que você faça uso de algo, cuide deste algo como de um bem que pertence à outrem, assim como um homem viajando se vê em uma hotelaria. Você não deve desejar, diz ele, que as coisas que acontecem, aconteçam como você quer; mas você deve querer que elas aconteçam como acontecem. Lembre-se, diz ele em outro lugar, que você está aqui como um ator que encena o personagem de uma comédia, tal qual agrada ao mestre te oferecer. Se ele te dá um personagem breve, encene-o breve. Se ele te dá um longo, encene-o longo. Se ele quer que você atue como um mendigo, você deve fazê-lo com toda a ingenuidade possível; e assim com o resto. É de sua responsabilidade encenar bem o personagem que te foi dado; mas escolhê-lo é da responsabilidade de um outro. Tenha todos os dias frente aos olhos a

morte e os males que te parecem os mais insuportáveis; e nunca pense em nada baixo nem deseje algo com excesso.

“Ele mostra de mil maneiras o que o homem deve fazer. Quer que este seja humilde, que esconda suas boas resoluções sobretudo nos começos e que as execute secretamente: nada as arruina mais do que produzi-las. Ele não se cansa de repetir que todo o estudo e o desejo do homem devem se resumir a reconhecer a vontade de Deus e segui-la.

“Eis, senhor, disse Sr. Pascal ao Sr. Sacy, as luzes deste grande espírito que conheceu tão bem o dever do homem. Ouso dizer que ele mereceria ser adorado, se tivesse conhecido de forma tão satisfatória sua impotência, na medida em que seria preciso ser Deus para ensinar uma e outra coisa aos homens. Assim, como era terra e cinza, depois de ter tão bem compreendido o que devemos, eis como se perde na presunção do que podemos. Ele diz que Deus deu ao homem os meios de cumprir todas as suas obrigações e que estes meios estão sempre ao alcance de nossas faculdades: que é preciso buscar a felicidade pelas coisas que estão em nosso poder, uma vez que Deus no-las deu para este fim; que devemos ver o que existe de livre em nós; que os bens, a vida e a estima não estão em nosso poder e nem levam à Deus; mas que o espírito não pode ser forçado a crer no que ele sabe ser falso nem a vontade amar o que ela sabe torná-la infeliz. Que estas duas faculdades são livres e que por meio delas podemos nos tornar perfeitos; que o homem pode, graças à estas faculdades, conhecer perfeitamente Deus, amá-lo, obedecer-lhe, agradar-lhe, se curar de todos os seus vícios, adquirir todas as virtudes, tornar-se santo e companheiro de Deus. Estes princípios que mostram uma soberba diabólica o conduzem a outros erros, como o de dizer que a alma é uma porção da substância divina; que a dor e a morte não são males; que podemos nos matar quando somos perseguidos a ponto de acharmos que Deus nos chama, e outros erros mais.

“No que diz respeito à Montaigne, senhor, do qual também quer que eu lhe fale, nascido em um Estado cristão, ele faz profissão da religião católica, mas com isto não mostra nada em particular. Como quis buscar

uma moral que a razão deveria ditar sem as luzes da fé, tomou seus princípios desta suposição. Assim, considerando o homem destituído de qualquer revelação, discorre da seguinte forma. Coloca todas as coisas em uma dúvida universal e tão geral, que esta dúvida carrega-se a si mesma. Quer dizer, se ele duvida, e duvida até mesmo desta última suposição, sua incerteza rola sobre ela mesma em um círculo perpétuo e sem repouso. E opõe-se igualmente aos que asseguram que tudo é incerto, que aos que asseguram que tudo não o é, porque não quer dar certeza de nada. Nesta dúvida de si e nesta ignorância que se ignora, que ele chama de sua forma mestra, se encontra a essência de sua opinião que não pôde expressar por nenhum termo positivo. Se ele diz que duvida se trai, dando a certeza de que duvida, o que era formalmente contra sua intenção. E só pôde se explicar por meio de interrogação. Desta forma, não querendo afirmar: eu não sei, diz: O que sei eu? E com isto elabora sua fórmula, colocando-a sob balanças que, pesando as contradições, se encontram em um equilíbrio perfeito. Ou seja, é um puro pirrônico. Este é o princípio sobre o qual se desenvolvem todos os seus discursos e todos os seus *Ensaíos*. Esta é a única coisa que pretende estabelecer bem, ainda que não dê sempre a perceber sua intenção. Aqui, ele destrói insensivelmente tudo o que admitimos entre os homens como o mais certo. Não para estabelecer o contrário com uma certeza da qual ele se faz inimigo, mas somente para mostrar que, uma vez que as aparências são iguais de um lado e do outro, não sabemos onde repousar nossa crença.

“Dentro deste espírito, brinca com todas as seguranças. Ele combate, por exemplo, aqueles que acreditaram estabelecer na França um grande remédio contra os processos, por meio da quantidade e da suposta justiça das leis. Como se pudéssemos cortar a raiz das dúvidas de onde nascem os processos, e como se houvessem diques que pudessem parar a correnteza da incerteza e cativar as conjeturas! Neste sentido, quando afirma que preferiria submeter sua causa ao primeiro que passasse do que à juízes armados de tamanho número de prescrições, não sugere que devemos mudar a ordem do estado, pois não tem tanta ambição; nem que sua opinião seja melhor, pois não acredita que nenhuma o seja. Sua intenção é provar

como são vãs as opiniões mais aceitas; mostrando que a exclusão de todas as leis antes diminuiria o número de desavenças do que esta enorme quantidade de leis que só servem para aumentá-las. Porque as dificuldades aumentam à medida em que as clarificamos e as obscuridades se multiplicam com os comentários. O meio mais seguro para compreender o sentido de um discurso seria então não examiná-lo, mas aceitá-lo sob sua primeira aparência. Qualquer pequena tentativa de observação faz toda a clareza se dissipar. Ele julga ao acaso todas as ações dos homens e acontecimentos da história; ora de uma maneira, ora de outra. Para isto, segue livremente seu primeiro objetivo sem forçar seu pensamento sob as regras da razão, cujas medidas são todas falsas, exultante de mostrar com seu próprio exemplo as contrariedades de um mesmo espírito. Dentro deste gênio totalmente livre, é-lhe completamente indiferente ganhar ou não a disputa, já que com um dos dois exemplos tem sempre um meio para mostrar a fraqueza das opiniões. E ele é carregado com tanta vantagem por esta dúvida universal, que se fortifica em igual medida com seu triunfo e com sua derrota.

Nesta disposição totalmente flutuante e vacilante ele combate os heréticos de seu tempo com uma firmeza invencível, baseando-se no fato destes assegurem serem os únicos conhecedores do verdadeiro sentido da Escritura. E fulminava com mais vigor ainda a horrível impiedade daqueles que ousam assegurar que Deus não é, atacando-os particularmente na “Apologia de Raimond Sebon”. Encontrando-os voluntariamente desprovidos de qualquer revelação e abandonados às suas luzes naturais, toda a fé tendo sido colocada de lado, ele os questiona com que autoridade empreendem julgar o Ser soberano, infinito por sua própria definição, já que não conhecem de forma verdadeira nenhuma das menores coisas da natureza! Ele lhes pergunta em quais princípios se apóiam, e os pressiona para que lhes mostrem. Examina todos aqueles princípios que conseguem produzir e penetra aí tão profundamente, pelo talento com o qual se sobressai, que mostra a vaidade de todos os que se fazem passar pelos mais esclarecidos e pelos mais firmes. Pergunta ainda se a alma conhece alguma coisa e a si

mesma; se é substância ou acidente, corpo ou espírito; o que seria cada uma destas coisas e se não existe nada pertencente a uma destas ordens; se conhece seu próprio corpo, o que é a matéria e se pode discernir em meio à inumerável variedade de opiniões que produzimos sobre ela; como pode raciocinar, se é material; como pode estar unida ao corpo particular e sentir suas paixões se for espiritual; quando começou a ser, se com o corpo ou antes, se acaba com ele ou não; se nunca se engana; se sabe que erra já que a essência do engano consiste em não conhecê-la; se em suas desordens acredita com a mesma firmeza que dois mais três são seis com que saberá em seguida que são cinco; se os animais falam, raciocinam, pensam e se podem decidir o que é o tempo, o que é o espaço, a extensão, o que é o movimento, o que é a unidade, o que são as coisas inteiramente inexplicáveis que nos cercam; o que é a saúde, a doença, a vida, a morte, o bem, o mal, a justiça e o pecado – dos quais falamos todo o tempo; se temos em nós princípios do verdadeiro e se aquilo que chamamos de axiomas ou noções comuns – porque são idênticos em todos os homens – são conformes à verdade essencial. Já que sabemos unicamente por meio da fé que um Ser totalmente bom no-los deu verdadeiros, criando-nos para conhecer a verdade; quem saberá sem esta luz se, formados ao acaso, eles não seriam antes incertos ou se, formados por um ser falso e mau, este não no-los deu falsos para nos seduzir? Ele mostrou com isto que Deus e o verdadeiro são inseparáveis, que se um é ou não é, se um é incerto ou certo, o outro é necessariamente da mesma maneira. Quem saberia se o senso comum que tomamos por juiz do verdadeiro tem o ser daquele que o criou? Mais ainda, quem saberia o que é a verdade e como ter certeza de tê-la, se não a conhecemos? Quem sabe até mesmo o que é o ser impossível de ser definido, já que não há nada mais geral e para explicá-lo seria preciso utilizar esta própria palavra para dizer: isto é? Como não sabemos o que é a alma, o corpo, o tempo, o espaço, o movimento, a verdade, o bem e nem mesmo o ser, nem explicar a idéia que formamos deles, como poderíamos nos assegurar que ela é a mesma em todos os homens, dado que não temos outra marca da uniformidade das conseqüências que nem sempre é marca da uniformidade dos princípios. Poderiam, com efeito, ser diferentes e conduzir

às mesmas conclusões, cada um sabendo que o verdadeiro é muitas vezes concludido do falso.

Por fim, ele [Montaigne] examina muito profundamente todas as ciências. A geometria, da qual demonstra a incerteza pelos axiomas e pelos termos que ela não define, como a extensão, o movimento, etc. A física, de outras tantas maneiras. A medicina, com uma infinidade de modos. A história, a política, a moral, a jurisprudência e o resto. De tal maneira que permanecemos convencidos de que não pensamos melhor no presente do que em alguns devaneios dos quais não nos despertamos antes da morte, durante os quais temos os princípios do verdadeiro tão pouco quanto durante o sono natural. Assim, repreende com tanta força e crueldade a razão despida da fé que, lhe fazendo duvidar que ela seja racional; se os animais o são, e se mais ou menos, obriga-a a despir-se da excellência que ela atribuiu-se e a coloca amavelmente em paralelo com os animais. E não lhe permite sair desta ordem enquanto não for instruída pelo seu próprio Criador sobre seu lugar, que ela ignora. E a ameaça, se ela reclama, de colocá-la abaixo de todas as outras, o que seria tão fácil quanto o contrário; dando-lhe somente o poder de agir o suficiente para observar sua fraqueza com humildade sincera, ao invés de se elevar com uma tola insolencia.

Sr. Sacy, acreditando estar vivendo em um novo país e estar ouvindo uma língua nova, dizia para ele mesmo as palavras de Santo Agostinho: ó Deus de verdade! Aqueles que conhecem as sutilezas do raciocínio são-lhe mais agradáveis por isto? Ele ficava com pena deste filósofo que se irritava e se dilacerava por todas as partes com os espinhos que criava, como dizia Santo Agostinho sobre ele mesmo, quando estava neste estado. Depois de uma paciência bastante longa, disse ao Sr. Pascal:

“Eu te agradeço. Tenho certeza de que se tivesse conhecido Montaigne por muito tempo não o conheceria melhor do que conheço desde que tive esta conversa com você. Este homem deveria desejar que o conhecêssemos somente através das narrações que você faz de seus escritos; e poderia dizer com Santo Agostinho: *Ibi me vide, attende*. Acredito com certeza que este

fosse um homem de espírito, mas temo que você lhe conceda um pouco mais do que ele tinha realmente para oferecer, com o encadeamento tão justo que faz de seus princípios. Deve imaginar que, tento passado minha vida como o fiz, me desaconselharam a leitura deste autor, cuja totalidade das obras não tem nada que devamos procurar, principalmente em nossas leituras. Isto, segundo a regra de Santo Agostinho, porque suas palavras não parecem vir de um grande fundo de humildade e de piedade. Podemos perdoar aos filósofos antigos, chamados de acadêmicos, por colocar tudo em dúvida. Mas por que Montaigne precisava divertir seu espírito renovando uma doutrina considerada agora pelos cristão como uma loucura? Eis o julgamento que Santo Agostinho fazia destas pessoas. Depois dele, podemos dizer sobre Montaigne: Em tudo o que ele diz, coloca a fé de lado; assim, nós que temos fé, devemos da mesma maneira colocar de lado tudo o que ele diz. Não censuro o espírito deste autor, que é um grande dom de Deus, mas ele poderia ter se servido melhor dele, fazendo um sacrifício a Deus ao invés de fazê-lo ao demônio. Para que serve um bem quando o usamos tão mal? *Quid proderat, etc.?* é o que este Santo doutor diz sobre ele mesmo, antes de sua conversão. Considere-se feliz, por ter sido elevado acima destas pessoas que chamamos de doutores, mergulhados na embreaguez da ciência com o coração vazio da verdade. Deus espalhou em seu coração alegrias e atrativos diferentes dos que você encontra em Montaigne. Ele te lembrou desse prazer perigoso, *a jucunditate pestifera*, diz Santo Agostinho, que dá graças a Deus por ter-lhe perdoado os pecados cometidos saboreando em demasia as vaidades. Santo Agostinho é tanto mais crível com relação a isto pelo fato de ter participado outrora a estes sentimentos. E como você diz sobre Montaigne, que combate os heréticos de seu tempo com esta dúvida universal, também foi graças a esta mesma dúvida dos acadêmicos que Santo Agostinho deixou a heresia dos maniqueus. Desde que passou a pertencer à Deus, renunciou a esta vaidade que ele chama de sacrilégio, e fez o que disse de alguns outros. Ele reconheceu com que sabedoria São Paulo nos avisou para não nos deixarmos seduzir por estes discursos. Pois admite existir nele algum charme que nos atrai : algumas vezes acreditamos as coisas serem verdadeiras, somente porque as disseram com eloquência. São

carnes perigosas, diz ele, servidas em belos pratos; mas estas carnes seduzem o coração ao invés de alimentá-lo. Parecemos então com as pessoas que dormiam e acreditavam comer quando estavam dormindo: estas carnes imaginárias os deixam tão vazios quanto antes.

“Sr. de Sacy diz ao Sr. Pascal várias coisas semelhantes: com isto, o Sr. Pascal lhe disse que se o elogiava por conhecer bem Montaigne e por saber utilizá-lo bem, ele podia lhe dizer sem exagero que conhecia muito melhor Santo Agostinho, que ele conseguia utilizar melhor ainda, ainda que isto não ocorresse à favor de Montaigne. Pascal pareceu estar extremamente edificado com a solidez de tudo o que Sacy acabava de lhe apresentar. Todavia, ainda cheio de seu autor, ele não pôde se conter e lhe disse:

“Admito que, neste autor, não consigo ver sem prazer a soberba razão tão invencivelmente atormentada por suas próprias armas, e a revolta tão sangrenta do homem contra o homem que derruba da companhia de Deus, onde se elevava pelas máximas da própria razão, na natureza dos animais; e teria amado profundamente o ministro de uma vingança tão grande, se fosse discípulo da Igreja pela fé e se tivesse seguido as regras da moral; levando os homens que tinha humilhado de forma tão útil, a não irritar com novos crimes o único que poderia tirá-los daquilo que os convencera não poderem sequer conhecer.

“Desta forma ele age, pelo contrário, como pagão. Deste princípio, diz ele, segundo o qual fora da fé tudo está dentro da incerteza – e, considerando bem, há quanto tempo buscamos o verdadeiro e o bem sem nenhum progresso em direção da tranquilidade –, concluiu que devemos deixar este trabalho para os outros; permanecer em repouso, passando levemente pelos assuntos com medo de afundar caso os apertássemos; e tomar o verdadeiro e o bem pela primeira aparência sem apertá-los, porque são tão frágeis que, por menos que fechemos a mão, escorregam entre os dedos, esvaziando-na. Por isto ele segue o testemunho dos sentidos e as noções comuns, já que para desmentí-las teria que se violentar, e que não sabe se ganharia ignorando onde o verdadeiro está. Nesse sentido, foge da

dor e da morte, porque seu instinto o leva a fazê-lo e que pela mesma razão ele não quer resistir, sem todavia concluir que estes são males verdadeiros, não confiando totalmente nestes movimentos naturais do medo, já que sentimos outros com prazer que acusam de serem maus, ainda que a natureza diga o contrário. Não há pois nenhuma extravagância em sua conduta; ele age como os outros homens; e tudo o que eles fazem pensando tola mente estarem seguindo o verdadeiro bem, ele o faz por um outro princípio que diz que, as semelhanças se encontrando igualmente de um lado como do outro, o exemplo e a comodidade são os contra-pesos que o impulsionam.

“Ele segue os usos de seu país, porque é o costume quem guia; ele sobe em seu cavalo como um homem não filósofo porque este o tolera, sem acreditar que isto aconteça por direito, não sabendo se pelo contrário não seria o animal que tem o direito de servir-se dele. Ele também resiste violentamente para evitar alguns vícios, e chegou a manter a fidelidade no casamento por causa do sofrimento que segue as desordens; mas se a violência do que escolhe ultrapassa a do que evita, permanece em repouso, já que a regra de sua ação é sempre e para todas as coisas a comodidade e a tranquilidade. Ele rejeita fortemente a virtude estóica que pintamos com um semblante severo, um olhar feroz, cabelos espetados, a testa enrugada e cheia de suor, com uma postura penosa e tensa, longe dos homens em um morno silêncio, e sozinha na ponta de um rochedo: fantasma, segundo ele, capaz de espantar as crianças, e que não faz aí outra coisa a não ser procurar o repouso que ela nunca alcança. A sua [virtude] é ingênua, familiar, prazerosa, alegre, e para assim dizer, divertida: ela segue o que a agrada, e brinca negligentemente com os bons e maus acidentes, deitada delicadamente no seio da ociosidade tranquila, de onde ela mostra aos homens que buscam a felicidade com tantas penas, que é somente aí que ela se repousa, e que a ignorância e a falta de curiosidade são dois travesseiros bem moles para uma cabeça bem feita, como ele [Montaigne] mesmo diz:

“Não posso te esconder que, lendo este autor e comparando-o com Epiteto, considerei-os seguramente os dois mais ilustres defensores das

duas mais conhecidas seitas do mundo; e as únicas conforme a razão, já que podemos seguir um só destes dois caminhos: ou que existe um Deus, e então o soberano bem está aí colocado; ou que isto é incerto, e que então o verdadeiro bem também o é, na medida em que é incapaz. Tive um imenso prazer em observar, nos diferentes raciocínios a que um e outro chegaram, alguma conformidade com a verdadeira sabedoria, que tentaram conhecer. Se é agradável observar na natureza o desejo que ela tem de pintar Deus em todas as suas obras, onde podemos ver algumas marcas, porque elas [obras] são suas imagens [de Deus], quão mais justo seria considerar nas produções dos espíritos os esforços que eles fazem para imitar a verdade essencial, ainda que fugindo dela, e observar onde obtêm sucesso e onde se perdem, como procurei fazer neste estudo!

“É verdade que você acaba de me mostrar de forma surpreendente a pequena utilidade que os cristãos podem tirar destes estudos filosóficos. Todavia, com sua permissão, não deixarei de te dizer ainda meu pensamento, mesmo que pronto para renunciar à todas as luzes que não virão de você; e nisto terei a vantagem ou de ter encontrado a verdade por sorte ou de tê-la recebido de você com segurança. Parece que a fonte dos erros destas duas seitas está no fato de não terem compreendido que o estado presente do homem difere do estado de sua criação. Um observa algumas marcas de sua primeira grandeza ignorando sua corrupção, e trata a natureza como sã e sem necessidade de alguém que a reparasse, levando ao cúmulo da soberba. O outro, por sua vez, sentindo a miséria presente e ignorando a primeira dignidade, trata a natureza como necessariamente enferma e sem reparação, precipita-se na falta de esperança de alcançar um bem verdadeiro e cai numa covardia extrema. Estes dois estados que deveríamos poder conhecer juntos para ver toda a verdade, nus quando tomados separadamente, conduzem necessariamente à um destes dois vícios, o do orgulho ou o da preguiça; onde estão infalivelmente todos os homens antes da graça, já que, se não permanecem em suas desordens por covardia, saem dela por vaidade, tão certo está o que me você acaba de dizer

sobre Santo Agostinho, e que considero de grande extensão; pois com efeito os homenageamos de diversas maneiras.

“Destas luzes imperfeitas acontece que um, conhecendo os deveres do homem e ignorando sua impotência se perde na presunção; e o outro, conhecendo sua impotência e não seu dever se abate na covardia. Parece então que, na medida em que um deles conduz à verdade e o outro ao erro, poderíamos formar uma moral perfeita aliando-os. Mas no lugar da paz, somente resultaria de sua união uma guerra e uma destruição geral. Um estabelecendo a certeza e o outro a dúvida, um a grandeza do homem e o outro sua fraqueza, eles arruínam as verdades tanto quanto as falsidades um do outro. De forma que não conseguem subsistir sozinhos por causa de seus defeitos, nem unir-se por causa de suas oposições e assim despedaçam-se e aniquilam-se, dando lugar à verdade do Evangelho. É ela quem faz as contrariedades entrarem em acordo, graças a uma arte totalmente divina, e unindo tudo o que é verdade e caçando tudo o que é falso faz uma sabedoria verdadeiramente celeste onde estes opostos incompatíveis nas doutrinas humanas entram em acordo. E a razão para isto é que os sábios do mundo colocam os contrários em um mesmo sujeito, pois um atribuía a grandeza à natureza enquanto o outro atribuía a fraqueza à mesma natureza, o que não poderia subsistir. A fé, por sua vez, nos ensina a colocá-los [os contrários] em sujeitos diferentes: tudo o que existe de ínfimo pertence à natureza, tudo o que há de poderoso pertence à graça. Eis a união surpreendente e nova que somente Deus poderia ensinar, e que somente ele poderia fazer; que não passa de uma imagem e de um efeito da união inefável de duas naturezas na única pessoal de um Homme-Deus.

“Eu te peço desculpas, diz Pascal ao Sr. Sacy, por me exaltar assim por causa da teologia em sua frente, ao invés de permanecer dentro da filosofia que era meu único assunto, mas ela me conduziu aqui insensivelmente; e é difícil não entrar [na teologia], seja qual for a verdade de que tratamos, porque ela é o centro de todas as verdades; o que aparece aqui perfeitamente, já que ela abraça tão visivelmente todas as que se encontram nestas opiniões. E assim não vejo como algum deles poderia recusar-se a

segui-la. Se estão cheios do pensamento da grandeza do homem, o que poderiam ter imaginado que não ceda às promessas do Evangelho, que não passa do preço digno da morte de um Deus? E se tinham prazer em ver a infirmitade da natureza, suas idéias não conseguem igualar aquelas da verdadeira fraqueza do pecado, cuja morte foi o remédio. Desta forma, todos encontram aí mais do que desejaram; e o que é admirável: eles se encontram aí unidos, sendo que não podiam se aliar em um grau infinitamente inferior.

“Sr. Sacy não podia se impedir de testemunhar ao Sr. Pascal que estava surpreso em ver como ele sabia desdobrar as coisas, mas admite ao mesmo tempo que as pessoas não tinham o segredo possuído por ele de fazer destas leituras reflexões tão sábias e elevadas. Ele lhe disse que se parecia com os médicos hábeis que, pela maneira engenhosa de preparar os maiores venenos, sabiam tirar deles os maiores remédios. Ele acrescenta que, mesmo vendo que estas leituras eram-lhe úteis, pelo que acabava-lhe de dizer, não podia acreditar que fossem vantajosas para as pessoas de espírito mais lento que não tivessem elevação suficiente para ler estes autores e julgá-los, sabendo tirar as pérolas do meio do esterco: *aurum ex stercore*, dizia um Padre. O mesmo poderíamos dizer, amplamente, destes filósofos, cujo esterco, por causa de sua fumaça preta, podia obscurecer a fé vacilante dos que os lêem. Por isso aconselhava sempre a estas pessoas não exporem-se a tais leituras de forma leviana, por medo de perderem-se com estes filósofos e tornarem-se presa dos demônios e pasto dos vermes, segundo a linguagem da Escritura, como aconteceu com estes filósofos.

“Para a utilidade destas leituras, diz Sr. Pascal, te direi simplesmente meu pensamento. Encontro em Epiteto uma arte incomparável para perturbar o repouso daqueles que buscam o bem nas coisas exteriores, e para forçá-los a reconhecer que são verdadeiros escravos e cegos miseráveis e que seria impossível encontrarem outra coisa a não ser o erro e a dor dos quais fogem, se não se oferecessem à Deus sem reservas. Montaigne é incomparável para confundir o orgulho daqueles que se dão ares de uma verdadeira justiça fora da fé; para abusar dos que se ligam à suas opiniões e acreditam encontrar nas ciências verdades inquebráveis. Para convencer tão bem a razão da

pequenez de suas luzes, assim como de seus extravios; que é difícil ser tentado a encontrar repugnâncias nos mistérios quando fazemos um bon uso de seus princípios. Pois aí o espírito se vê tão rebaixado que fica bem distante de querer julgar se a encarnação ou o mistério da eucaristia são possíveis; coisa que os homens comuns fazem com demasiada frequência.

“Se Epiteto combate a preguiça, ele leva ao orgulho podendo ser muito prejudicial para os que não estão convencidos da corrupção da mais perfeita justiça que não pertence à fé. Já Montaigne é absolutamente pernicioso para os que têm uma inclinação para a impiedade e para os vícios. Por isto estas leituras devem ser regradas com muito cuidado, discrição e respeito com a condição e com os costumes daqueles à quem os aconselhamos. Me parece então que, se as juntássemos, não poderiam se sair muito mal, porque uma se oporia ao mal da outra. Não que possam oferecer a virtude, mas unicamente perturbar os vícios: combatida pelos opostos, sendo que um combate o orgulho e o outro a preguiça, a alma de forma refletida não poderia repousar-se em nenhum destes vícios assim como não poderia fugir de todos eles.

“Foi assim que estas duas pessoas, com um espírito tão belo, finalmente concordaram à respeito da leitura destes filósofos, e se encontraram em um mesmo termo, onde chegaram todavia de forma um pouco diferente. Sr. de Sacy chegou de uma só vez pela visão clara do cristianismo, e Sr. Pascal chegou depois de muitos desvios nos quais se agarrava aos princípios destes filósofos.

“Sr. de Sacy e todo Port-Royal des Champs estavam então totalmente ocupados pela alegria que causava a conversa e a visão de Pascal... Admiravam nele a força toda-poderosa da graça que, graças a uma misericórdia, elevou tanto este espírito nele mesmo”.